

WALTER ISAACSON

LEONARDO
DA VINCI

Tradução de Dinis Pires

ÍNDICE

AGRADECIMENTOS	7
PERSONAGENS PRINCIPAIS	11
A MOEDA EM ITÁLIA EM 1500	12
NOTA SOBRE A CAPA	13
PERÍODOS PRINCIPAIS DA VIDA DE LEONARDO	13
CRONOLOGIA DA VIDA DE LEONARDO	14
INTRODUÇÃO Também sei pintar.....	21
CAPÍTULO 1 – Infância.....	31
CAPÍTULO 2 – Aprendiz	43
CAPÍTULO 3 – Por conta própria.....	89
CAPÍTULO 4 – Milão	113
CAPÍTULO 5 – Os cadernos de Leonardo	129
CAPÍTULO 6 – Artista da corte	137
CAPÍTULO 7 – Vida pessoal	155
CAPÍTULO 8 – <i>O Homem de Vitrúvio</i>	167
CAPÍTULO 9 – O monumento equestre.....	187
CAPÍTULO 10 – Cientista	199
CAPÍTULO 11 – Pássaros e voo	211
CAPÍTULO 12 – As artes mecânicas.....	221

CAPÍTULO 13 – Matemática	231
CAPÍTULO 14 – A natureza do Homem.....	243
CAPÍTULO 15 – A <i>Virgem dos Rochedos</i>	253
CAPÍTULO 16 – Os retratos de Milão.....	267
CAPÍTULO 17 – A ciência da arte	291
CAPÍTULO 18 – A <i>Última Ceia</i>	309
CAPÍTULO 19 – Tumulto pessoal	325
CAPÍTULO 20 – Florença, de novo.....	331
CAPÍTULO 21 – Santa Ana	347
CAPÍTULO 22 – Pinturas perdidas e achadas	357
CAPÍTULO 23 – César Bórgia	367
CAPÍTULO 24 – Engenheiro hidráulico.....	381
CAPÍTULO 25 – Miguel Ângelo e as <i>Batalhas</i> perdidas.....	389
CAPÍTULO 26 – Regresso a Milão.....	415
CAPÍTULO 27 – Anatomia, segunda ronda.....	429
CAPÍTULO 28 – O Mundo e as suas águas.....	461
CAPÍTULO 29 – Roma	481
CAPÍTULO 30 – Indicando o caminho.....	501
CAPÍTULO 31 – <i>Mona Lisa</i>	513
CAPÍTULO 32 – França.....	533
CAPÍTULO 33 – Conclusão.....	555
ABREVIACÕES DE FONTES FREQUENTEMENTE CITADAS	565
NOTAS	571
CRÉDITOS DAS ILUSTRAÇÕES.....	633
ÍNDICE REMISSIVO.....	637

AGRADECIMENTOS

Com a sua visão de mestre, Marco Cianchi leu o original deste livro, fez várias sugestões, ajudou com algumas traduções e foi um guia em Itália. Professor na Accademia di Belle Arti de Florença, licenciou-se em história de arte nas universidades de Florença e de Bolonha. É colaborador de longa data de Carlo Pedretti e autor de vários livros, entre eles *Le macchine di Leonardo* (Becocci, 1981), *Leonardo, I Dipinti* (Giunti, 1996) e *Leonardo, Anatomia* (Giunti, 1997). Tem sido um amigo querido.

De igual modo, Juliana Barone, da Birkbeck College, Universidade de Londres, ofereceu os seus vastos conhecimentos leonardescos à leitura de grande parte do original. Escreveu a dissertação de doutoramento sobre Leonardo da Vinci, em Oxford, e é autora de *Leonardo: The Codex Arundel* (British Library, 2008), *Studies of Motion: Drawings by Leonardo from the Codex Atlanticus* (De Agostini, 2011), *The Treatise on Painting* (De Agostini, 2014), bem como dos livros a serem publicados *Leonardo, Poussin and Rubens* e *Leonardo in Britain*.

O Dr. Barone foi-me recomendado por Martin Kemp, professor emérito de história de arte na Universidade de Oxford e um dos grandes estudiosos de Leonardo no nosso tempo. Nos últimos cinquenta anos, foi autor e coautor de setenta e dois livros e artigos académicos sobre Leonardo. Além dos inúmeros *e-mails* em que me transmitiu a sua opinião sobre vários assuntos, foi muito atencioso ao acompanhar-me na Trinity College, em Oxford, partilhando comigo os resultados da sua pesquisa e um esboço inicial do livro, de sua coautoria, *Mona Lisa: The People and the Painting* (Oxford University Press, 2017).

Frederick Schroeder, curador do Códex Leicester para Bill Gates, e Domenico Laurenza, autor de muitos livros sobre a engenharia e as invenções de Leonardo, leram as minhas secções sobre o Códex Leicester e cederam-me as suas traduções atualizadas dessa obra, a ser publicada em 2018. David Linley acompanhou-me ao Castelo de Windsor para ver os desenhos de Leonardo que lá se encontram e apresentou-me a Martin Clayton, curador e estudioso de Leonardo.

Houve outros estudiosos e curadores que leram partes do original, me deram acesso a coleções, me proporcionaram assistência ou partilharam ideias. Entre eles, Luke Syson, a princípio na National Gallery, em Londres, e agora no Metropolitan Museum of Art, em Nova Iorque; Vincent Delieuvin e Ina Giscard d'Estaing do Louvre; David Alan Brown da National Gallery of Art em Washington, DC; Valeria Poletto da Gallerie dell'Accademia, em Veneza; Pietro Marani do Politecnico di Milano; Alberto Rocca da Biblioteca Ambrosiana, em Milão; e Jacqueline Thalmann da Faculdade de Christ Church, em Oxford. Estou também grato às equipas da Villa I Tatti, em Florença, da Dumbarton Oaks Library, em Washinton, DC, e da Harvard Fine Arts Library. O banco de imagens Getty Images, chefiado por Dawn Airey, abraçou este livro como um projeto especial; a equipa que orientou a aquisição de imagens foi composta por David Savage, Eric Rachlis, Scott Rosen e Jill Braaten. O meu profundo agradecimento a Pat Zindulka, Leah Bitounis, Eric Motley e a outros colegas e membros da administração do Aspen Institute que foram igualmente generosos.

Todos os meus livros têm sido publicados, há mais de três décadas, pela Simon & Schuster, e isso deve-se ao extraordinário talento da sua equipa: Alice Mayhew, Carolyn Reidy, Jonathan Karp, Stuart Roberts (que orientou este livro e as suas ilustrações), Richard Rhorer, Stephen Bedford, Jackie Seow, Kristen Lemire, Judith Hoover, Julia Prosser, Lisa Erwin, Jonathan Evans e Paul Dippolito. Amanda Urban tem sido, ao longo de toda a minha carreira literária, a minha agente, sábia conselheira e amiga. Strobe Talbott, meu colega na *Time* em 1979, tem lido os rascunhos de todos os meus livros, começando com *The Wise Men*, e tem-me facultado comentários incisivos, além de encorajamento; agora que iniciamos a etapa mais doce dos nossos percursos, saboreio o banquete das memórias que guarnece as nossas carreiras.

A minha profunda gratidão vai, como é hábito, para a minha mulher, Cathy, e para a nossa filha, Betsy, porque são sábias e inteligentes e me manifestam todo o seu apoio e amor. Obrigado.

PERSONAGENS PRINCIPAIS

César Bórgia (c. 1475-1507) Guerreiro italiano; filho ilegítimo do Papa Alexandre VI; figura de *O Príncipe* de Maquiavel; foi empregador de Leonardo.

Donato Bramante (1444-1514) Arquiteto; amigo de Leonardo em Milão; trabalhou na Catedral de Milão, na Catedral de Pavia e na Basílica de São Pedro no Vaticano.

Caterina Lippi (c. 1436-1493) Camponesa órfã de uma localidade perto de Vinci e mãe de Leonardo; casou, mais tarde, com Antonio di Piero del Vaccha, conhecido por Accattabriga.

Charles d'Amboise (1473-1511) Governador francês de Milão entre 1503 e 1511; mecenas de Leonardo.

Beatrice d'Este (1475-1497) Oriunda da mais venerável família de Itália; casou com Ludovico Sforza.

Isabella d'Este (1474-1539) Irmã de Beatrice e Marquesa de Mântua; tentou que Leonardo pintasse o seu retrato.

Francesco di Giorgio (1439-1501) Artista, engenheiro e arquiteto; trabalhou com Leonardo na torre da Catedral de Milão e viajou com ele até Pavia; traduziu Marcos Vitruvius e desenhou uma versão do Homem de Vitruvius.

Francisco I (1494-1547) Rei de França desde 1515; último mecenas de Leonardo.

Papa Leão X, João de Médici (1475-1521) Filho de Lourenço de Médici; eleito papa em 1513.

Luís XII (1462-1515) Rei de França desde 1498; conquistou Milão em 1499.

Nicolau Maquiavel (1469-1527) Diplomata e escritor florentino; tornou-se representante de César Bórgia e amigo de Leonardo em 1502.

Juliano de Médici (1479-1516) Filho de Lourenço e irmão do Papa Leão X; mecenas de Leonardo em Roma.

Lourenço de Médici, o *Magnífico* (1449-1492) Banqueiro; mecenas de arte; governante *de facto* de Florença desde 1469 até à sua morte.

Francesco Melzi (c. 1493-c. 1568) Oriundo de uma família nobre de Milão, juntou-se à casa de Leonardo em 1507; foi como um filho para Leonardo, tornando-se seu herdeiro.

Miguel Ângelo Buonarroti (1475-1564) Escultor florentino e rival de Leonardo.

Luca Pacioli (1447-1517) Matemático e frade italiano; amigo de Leonardo.

Piero da Vinci (1427-1504). Notário florentino e pai de Leonardo; não se casou com a mãe de Leonardo e teve, posteriormente, mais onze filhos de outras quatro mulheres.

Andrea Salai, nascido Gian Giacomo Caprotti da Oreno (1480-1524) Entrou na casa de Leonardo aos dez anos e foi apelidado de Salai, ou seja, «pequeno demónio».

Ludovico Sforza (1452-1508) Regente *de facto* de Milão desde 1481; duque de Milão a partir de 1494 até à sua destituição pelos franceses em 1499; mecenas de Leonardo.

Andrea del Verrocchio (c. 1435-1488) Escultor, ourives e artista florentino em cuja oficina Leonardo aprendeu e trabalhou entre 1466 e 1477.

A MOEDA EM ITÁLIA EM 1500

O ducado era a moeda de ouro de Veneza. O florim era a moeda de ouro de Florença. Ambas continham 3,5 gramas de ouro, o que lhes daria o valor de 115 euros em 2017. Um ducado ou florim valia, aproximadamente, 7 liras ou 120 soldos, que eram moedas de prata.

NOTA SOBRE A CAPA

A capa é um pormenor de uma pintura a óleo, atualmente na Galeria Uffizi em Florença, que outrora se pensava ser um autorretrato pintado por Leonardo. Com base em análises raio-X recentes, considera-se agora tratar-se de um retrato de Leonardo realizado por um artista desconhecido no século xvii. Serviu de inspiração para um retrato semelhante, ou terá sido inspirada nele, redescoberto em Itália em 2008, denominado «Retrato Luciano de Leonardo da Vinci». Foi várias vezes copiado. Uma versão a aguarela sobre marfim, pintada na década de 1770 por Giuseppe Macpherson, encontra-se na British Royal Collection e, em 2017, esteve na exposição «Portrait of the Artist» na Queen's Gallery do Palácio de Buckingham.

PERÍODOS PRINCIPAIS DA VIDA DE LEONARDO

Vinci
1452-1464

Florença
1464-1482

Milão
1482-1499

Florença
1500-1506

Milão
1506-1513

Roma
1513-1516

França
1516-1519



Torna-se membro da guilda de pintores; o primeiro desenho conhecido é de uma paisagem.

c.1473

Colabora com Verrocchio em *O Batismo de Cristo*.



c.1475



c.1478

Retrato de Ginevra de' Benci, filha de um abastado banqueiro florentino.

1452

Nasce a 15 de abril.

Fim da Guerra dos Cem Anos; queda de Constantinopla

Nasce Miguel Ângelo

Ludovico Sforza torna-se governador de Milão; nasce Fernão de Magalhães.

Gutenberg imprime *A Bíblia*

Nasce Maquiavel; Lourenço de Médici assume o poder

Nasce Copérnico

Johannes de Spira funda a primeira tipografia em Veneza

Nasce Rafael

Torna-se aprendiz no estúdio de Verrocchio em Florença.

c.1468



É-lhe encomendada *A Adoração dos Magos*.



1482

Muda-se para Milão e começa a tomar notas em cadernos.

1481

A Anunciação: a experiência de perspetiva que realizou quando jovem é defeituosa, mas anuncia brilhantismo.

c.1472



ciência

vida

mundo

arte



Dama com Arminho; é exibido em Milão o modelo de argila para o monumento equestre.

1496



Faz os desenhos para a obra *Da Divina Proporção* de Pacioli.

1493



1498

Primeira tentativa de máquina voadora.

Estuda anatomia e arquitetura.

1489

Bartolomeu Dias dobra o Cabo da Boa Esperança

Cristóvão Colombo navega para o Novo Mundo; Laurenceo de Médici morre; Rodrigo Bórgia é nomeado Papa Alexandre VI

Vasco da Gama descobre o caminho marítimo para a Índia; Luís XII é coroado rei de França; a Fogueira das Vaidades de Savonarola; a França conquista Milão

Nasce Solimão I do Império Otomano; Ludovico torna-se oficialmente duque

Savonarola destrona os Médici em Florença; o rei Carlos VIII de França invade Itália

c.1490



Finaliza o desenho de *O Homem de Vitruvius*; *A Festa do Paraíso* é apresentada no banquete de casamento do sobrinho do duque; Salai vai viver com Leonardo.

1483



Recebe a encomenda, a par dos irmãos De Predis, para pintar *A Virgem dos Rochedos*.

Começa *A Última Ceia* no refeitório do convento de Santa Maria delle Grazie.

1495



1499

Abandona Milão

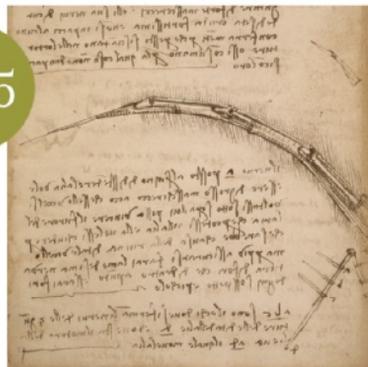


1503

Regressa a Florença, começa a pintar Mona Lisa e trabalha nela até ao fim da sua vida.

Estuda o voo dos pássaros; segunda tentativa falhada de voar; debate-se com a pintura de *A Batalha de Anghiari*, uma grande encomenda em Florença que será abandonada inacabada.

1505



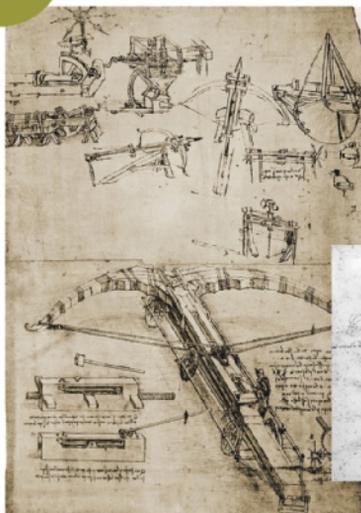
Estátua de David de Miguel Ângelo; o jovem Rafael vai para Florença a fim de estudar com Leonardo e Miguel Ângelo

Amerigo Vespucci, amigo de Leonardo, publica o seu relato da viagem ao Novo Mundo

O arquiteto Donato Bramante é contratado pelo papa para reconstruir a igreja de São Pedro em Roma

1502

Começa a trabalhar para César Bórgia como engenheiro militar.

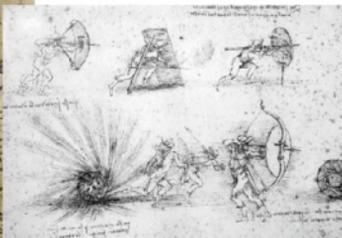


Regressa a Milão, onde permanece, com algumas escapadelas pelo meio, durante sete anos.

1506

1507

Pintor e engenheiro de Luís XII.



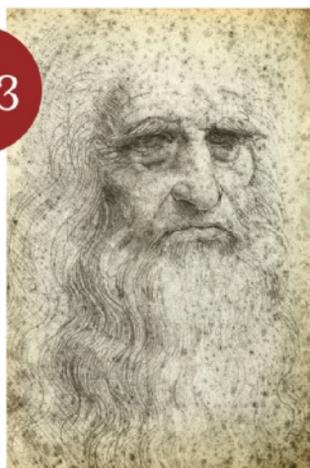


c.1508



Divide o seu tempo entre Milão e Florença; executa estudos sobre sistemas de distribuição de água; projeta o monumento de Trivulzio; pinta a segunda *A Virgem dos Rochedos*.

1513



Muda-se para Roma; o icônico desenho de Turim, possível autorretrato feito nos anos precedentes, define a imagem que temos de Leonardo.

Miguel Ângelo termina a pintura do teto da Capela Sistina; nasce Gerardus Mercator, que produz o primeiro mapa do mundo; os Médicis regressam ao poder em Florença

Nasce em Bruxelas Andreas Vesalius, que publica o primeiro livro certeiro sobre anatomia humana

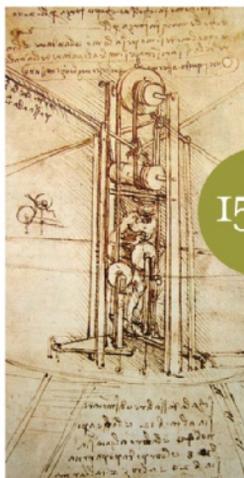
Martinho Lutero inicia a Reforma Protestante

Henrique VIII é coroado rei de Inglaterra

Nasce Vasari

João de Médici é nomeado Papa Leão X

Francisco I é coroado rei de França



1509



Prossegue com os estudos de anatomia e de hidráulica.

Visita Parma e Florença; planeia drenar os Pântanos de Pontine.



1516

Muda-se para Amboise como convidado de Francisco I.

1514

Morre a 2 de maio.

1519

LEONARDO
DA VINCI



Dos cadernos de Leonardo, c. 1495: um esboço para *A Última Ceia*, estudos geométricos para a quadratura do círculo, desenhos para igreja octogonal e uma passagem na sua escrita especular.

INTRODUÇÃO

Também sei pintar

Ao aproximar-se do inquietante marco dos 30 anos de idade, Leonardo da Vinci escreveu uma carta ao regente de Milão na qual expunha os motivos por que este lhe devia dar trabalho. Fora um pintor moderadamente bem-sucedido em Florença, mas tivera dificuldade em terminar as suas encomendas e procurava novos horizontes. Promoveu, nos primeiros dez parágrafos, as suas competências de engenharia, incluindo a capacidade para projetar pontes, canais, canhões, veículos blindados e edifícios públicos. Apenas no décimo primeiro parágrafo, já no final, acrescentou que também era artista. «Também na pintura sei fazer tudo o que é possível», escreveu.¹

Sim, sabia. Viria a criar as duas pinturas mais famosas da história, *A Última Ceia* e *Mona Lisa*. Mas considerava-se um homem da ciência e da engenharia na mesma exata medida. Com uma paixão tão lúdica quanto obsessiva, levou a cabo estudos inovadores sobre anatomia, fósseis, pássaros, o coração, máquinas voadoras, ótica, botânica, geologia, fluxos de água e material de guerra. Tornou-se, pois, o arquétipo do Homem Renascentista, uma inspiração para todos aqueles que acreditam que «as infinitas obras da natureza», como ele descreveu, estão interligadas numa unidade cheia de padrões maravilhosos.² A sua capacidade para combinar arte e ciência, tornada icástica pelo seu desenho de um homem de proporções perfeitas, de braços e pernas afastados dentro de um círculo e de um quadrado, conhecido como *O Homem de Vitruvius*, fez dele o génio mais criativo da História.

As suas explorações científicas infundiram-se na sua arte. Esfolou caras de cadáveres, delineou os músculos que movem os lábios e pintou, em

seguida, o sorriso mais memorável de sempre. Estudou os crânios humanos, realizou desenhos de ossos e dentes em várias camadas e transmitiu-nos a agonia esquelética de *São Jerónimo no Deserto*. Explorou a matemática da ótica, mostrou como os raios de luz atingem a córnea e, depois, produziu ilusões mágicas de perspectivas visuais variáveis em *A Última Ceia*.

Ao relacionar os estudos sobre luz e ótica à sua arte, Leonardo veio a dominar o uso de sombras e perspectiva para modelar objetos numa superfície bidimensional de modo a parecerem tridimensionais. Esta capacidade de «fazer com que uma superfície plana exiba um corpo como que modelado e dissociado desse plano», disse Leonardo, era «a primeira intenção do pintor».³ A dimensionalidade, em grande medida devido ao seu trabalho, tornou-se a inovação suprema da arte renascentista.

Com o avançar dos anos, as investigações científicas que levava a cabo não serviam apenas a sua arte, mas também um instinto rejubilante para sondar as belezas profundas da criação. Quando procurou uma teoria que explicasse por que o céu nos aparece azul, não o fez unicamente para inspirar as suas pinturas. A sua curiosidade era pura, pessoal e encantadoramente obsessiva.

No entanto, mesmo quando se ocupava da reflexão sobre o azul do céu, a ciência não era para ele uma atividade separada da arte. Juntas, serviam a sua torrencial paixão, que era nada menos do que conhecer tudo o que havia para saber sobre o mundo, incluindo-se a maneira como nos enquadrámos nele. Leonardo venerava a plenitude da natureza e reconhecia a harmonia dos seus padrões, que via replicados em pequenos e grandes fenómenos. Nos seus cadernos, registava anéis de cabelo, redemoinhos de água e turbilhões de ar, a par de algumas investidas matemáticas subjacentes à origem de tais espirais. Aquando da minha visita ao Castelo de Windsor, perguntei ao curador Martin Clayton, enquanto observava o poder em torvelinho dos «Desenhos do Dilúvio» que Leonardo realizou perto do final da sua vida, se pensava que os realizara como obras de arte ou obras científicas. Ao fazer a pergunta, percebi logo que era tola. «Não creio que Leonardo fizesse tal distinção», retorquiu.

Aventurei-me neste livro porque Leonardo da Vinci é o exemplo derradeiro do tema principal das minhas biografias anteriores: de que modo a capacidade de fazer ligações entre disciplinas – artes e ciências,

humanidades e tecnologia – é fundamental para a inovação, a imaginação e o génio. Benjamin Franklin, que já foi objeto do meu estudo, era o Leonardo do seu tempo. Sem educação formal, educou-se para ser um polímato imaginativo, sendo o melhor cientista, inventor, diplomata, escritor e estratega comercial do Iluminismo norte-americano. Ao fazer voar um papagaio de papel, provou que o relâmpago é eletricidade e inventou um para-raios para a domar. Foi criador de óculos bifocais, instrumentos musicais arrebatadores, fogões mais seguros, mapas das correntes do Golfo e do incomparável e desprezioso estilo de humor dos Estados Unidos. Albert Einstein, quando se sentia bloqueado no seu estudo da teoria da relatividade, pegava no violino e tocava Mozart, o que o ajudava a religar-se às harmonias do cosmos. Ada Lovelace, que retratei num livro sobre figuras inovadoras, combinou a sensibilidade poética do pai, Lord Byron, e o amor pela beleza da matemática da mãe para visionar um computador generalista. E Steve Jobs culminava os lançamentos dos seus produtos com uma imagem de sinais de trânsito que mostravam a interseção entre as artes liberais e a tecnologia. Leonardo era o seu ídolo. «Ele via beleza tanto na arte como na engenharia», afirmou Jobs, «e foi a capacidade de as combinar que fez dele um génio».⁴

Sim, ele era um génio: tremendamente imaginativo, obsessivamente curioso e criativo em várias disciplinas. Devemos, contudo, ser parcimoniosos no uso dessa palavra. Aplicar-lhe a etiqueta de «génio» minimiza-o, curiosamente, ao dar a entender que foi tocado por mão divina. O seu primeiro biógrafo, Giorgio Vasari, artista do século XVI, cometeu esse mesmo erro: «Por vezes, de modo sobrenatural, uma única pessoa é dotada pelos céus com beleza, graça e talento de tal forma abundantes que todos os seus atos são divinos e tudo o que realiza vem, claramente, de Deus ao invés da arte humana.»⁵ Na verdade, o génio de Leonardo era humano, forjado pela sua vontade e pela sua ambição. Tal como os génios de Newton ou Einstein, o de Leonardo não advinha de ser o recetor divino de uma mente com tanto poder de processamento que nós, meros mortais, não conseguimos sequer imaginar. Leonardo quase não tinha formação e mal conseguia ler latim ou resolver operações matemáticas complexas. O seu génio era de uma natureza que conseguimos entender, um génio de que conseguimos, inclusive, retirar lições. Baseava-se em competências que podemos aspirar a melhorar em nós próprios, como é

o caso da curiosidade e da observação profunda. Tinha uma imaginação tão fértil que cortejava as fronteiras da fantasia, algo que também podemos tentar preservar em nós e inculcar nos nossos filhos.

As fantasias de Leonardo infiltravam-se em tudo aquilo em que tocava: as produções teatrais, os planos para desviar rios, os projetos de cidades ideais, os desenhos de máquinas voadoras e quase todos os aspectos da arte e da engenharia. A carta que escreveu ao governador de Milão é disso exemplo, uma vez que, à época, as suas competências de engenharia militar existiam meramente na cabeça de Leonardo. O seu papel inicial na corte não foi o de construir armas, mas sim de produzir festivais e espetáculos. Grande parte das suas engenhocas militares e de voo, inclusive no auge da sua carreira, eram mais visionárias do que práticas.

De início, pensei que a sua predisposição para a fantasia era uma fraqueza reveladora de uma falta de disciplina e de diligência relacionadas com a propensão para abandonar obras de arte e tratados inacabados. Até um certo ponto, isso é verdade. Visão sem execução é alucinação. Vim, porém, a acreditar que a capacidade de esbater a linha entre a realidade e a fantasia, tal como as técnicas de *sfumato* para esfumar as linhas de uma pintura, foram fundamentais para a sua criatividade. A técnica sem imaginação é infrutífera. Leonardo soube casar a observação e a imaginação, o que fez dele o inovador mais consumado da história.

O meu ponto de partida para este livro não foram as obras-primas artísticas de Leonardo, mas sim os seus cadernos. Creio que a sua mente se revela melhor nas mais de 7 200 páginas de anotações e rabiscos que sobreviveram, como que por milagre, até aos nossos dias. O papel acaba por ser uma soberba tecnologia de armazenamento de informação, ainda legível volvidos quinhentos anos, o que é mais do que poderemos dizer dos nossos *tweets*.

Por sorte, Leonardo não se podia dar ao luxo de desperdiçar papel, pelo que ocupou todos os espacinhos das suas páginas com desenhos diversos e apontamentos ilógicos que, embora pareçam aleatórios, fornecem indicações sobre os seus saltos mentais. Rabiscados uns ao lado dos outros, sem um fio condutor aparente, encontram-se cálculos matemáticos, esboços do seu endiabrado e jovem namorado, de pássaros, máquinas voadoras, adereços teatrais, redemoinhos de água, válvulas cardíacas,

cabeças grotescas, anjos, sifões, caules de plantas, crânios serrados, dicas para pintores, anotações sobre o olho e sobre ótica, armas de guerra, fábulas, enigmas e estudos para pinturas. O brilhantismo interdisciplinar é sentido em cada página, fornecendo uma exibição deliciosa de uma mente em danças com a natureza. Os seus cadernos são o maior manancial de curiosidades alguma vez criado, um guia espantoso para a pessoa que o eminente historiador de arte Kenneth Clark denominou como «o homem mais insaciavelmente curioso da história».⁶

As minhas pérolas favoritas nos cadernos são as suas listas de afazeres, que cintilam com a sua curiosidade. Uma delas, que data da década de 1490 em Milão, é a lista das coisas que quer aprender naquele dia. «A medição de Milão e dos seus subúrbios» é o primeiro registo. Tem um propósito prático, como nos é revelado num item posterior na lista: «desenhar Milão». Outras mostram-no numa procura implacável de cérebros para selecionar: «Conseguir que o mestre de aritmética me mostre como realizar a quadratura de um triângulo. (...) Perguntar a Giannino, o bombardeiro, de que modo a torre de Ferrara está murada. (...) Perguntar a Benedetto Protinari de que maneira caminham sobre gelo na Flandres. (...) Encontrar um mestre em hidráulica que explique como se repara uma comporta, um canal e uma azenha à maneira lombarda. (...) Conseguir a medição do sol que o Maestro Giovanni Francese, o francês, me prometeu.»⁷ Era um homem insaciável.

Leonardo fazia listas, vezes sem conta, anos após ano, de coisas para fazer e aprender. Algumas envolviam o género de observação atenta com que a maioria de nós raramente perde tempo. «Observar a pata do ganso: se estivesse sempre aberta ou sempre fechada, o animal não seria capaz de efetuar qualquer movimento.» Outras envolviam perguntas do género *porque-é-o-céu-azul* sobre fenómenos tão triviais que raramente nos perguntamos sobre eles. «Por que razão é o peixe na água mais veloz do que o pássaro no céu, quando devia ser o contrário, uma vez que a água é mais pesada e densa do que o ar?»⁸

As melhores de todas são as questões que parecem inteiramente aleatórias. «Descrever a língua do pica-pau», escreveu para si.⁹ Mas quem é que um dia decide, sem razão aparente, que quer conhecer o aspeto da língua de um pica-pau? Mas como é que se sabe uma coisa dessas? Não é uma informação exigida por uma pintura ou de que precisasse

para entender o voo dos pássaros. No entanto, a questão foi colocada e, como veremos, existem coisas fascinantes para aprender sobre a língua do pica-pau. O motivo principal, contudo, para querer saber tal coisa era porque se tratava de Leonardo da Vinci: curioso, apaixonado e sempre deslumbrado.

Eis o registo mais estranho de todos: «Ir todos os sábados às termas para ver homens nus.»¹⁰ Pode-se imaginar que Leonardo o queresia fazer por motivos anatómicos e estéticos. Mas era mesmo preciso recordar-se a si próprio de fazê-lo? O item seguinte na lista é: «Insuflar os pulmões de um porco e observar se aumentam em largura e comprimento ou apenas em largura.» Como outrora escreveu o crítico de arte do *New Yorker*, Adam Gopnik, «Leonardo continua a ser estranho, de uma estranheza sem precedentes, e não há nada a fazer quanto a isso.»¹¹

De modo a debater-me com estes assuntos, decidi escrever um livro com base nos cadernos. Comecei por realizar viagens a fim de ver os originais em Milão, Florença, Paris, Seattle, Madrid, Londres e no Castelo de Windsor. Deste modo, seguia a injunção de Leonardo de começar qualquer investigação indo diretamente à fonte: «Aquele que pode ir à fonte não vai ao jarro de água.»¹² Além disso, imergi no pouco aproveitado tesouro de artigos académicos e dissertações de doutoramento sobre Leonardo, cada um dos quais representando anos de trabalho diligente em tópicos muito específicos. Nas últimas décadas, sobretudo desde a redescoberta do seu Códex Madrid em 1965, registaram-se grandes avanços na análise e interpretação dos seus escritos. Ademais, a tecnologia moderna revelou novas informações a respeito da sua pintura e das suas técnicas.

Depois de mergulhar em Leonardo, fiz o melhor que pude para estar mais atento a fenómenos que costumava ignorar, fazendo um esforço especial para reparar nas coisas tal como ele o fazia. Quando via a luz do sol a incidir em cortinados, obrigava-me a parar para ver como as sombras aflagavam as dobras do tecido. Tentava observar como a luz refletida de um objeto coloria subtilmente as sombras de outro objeto. Comecei a notar como o brilho débil de uma mancha lustrosa sobre uma superfície reluzente se movia quando eu inclinava a cabeça. Quando olhava para uma árvore distante e para outra próxima, tentava visualizar as linhas

de perspectiva. Quando via um redemoinho de água, comparava-o a um caracol de cabelo. Quando não conseguia entender um conceito matemático, fazia o que estava ao meu alcance para o visualizar. Quando via pessoas num jantar, observava a relação entre os seus movimentos e as suas emoções. Quando vislumbrava uma sugestão de sorriso a esboçar-se nos lábios de alguém, tentava sondar os seus mistérios interiores.

Não, não cheguei sequer perto de ser Leonardo, de dominar as suas revelações, ou de reunir uma módica quantia dos seus talentos. Não fiquei um milímetro mais perto de ser capaz de projetar um planador, de inventar uma nova maneira de desenhar mapas ou de pintar a *Mona Lisa*. Tive de me forçar a sentir-me verdadeiramente curioso quanto à língua do pica-pau. No entanto, aprendi com Leonardo como o desejo de nos maravilharmos diariamente com o mundo pode enriquecer cada momento das nossas vidas.

Existem três relatos principais sobre Leonardo da parte de escritores que foram quase seus contemporâneos. O pintor Giorgio Vasari, nascido em 1511 (oito anos antes da morte de Leonardo), escreveu o primeiro verdadeiro livro de história de arte, *As Vidas dos Mais Eminentes Pintores, Escultores e Arquitetos*, em 1550, tendo saído uma versão revista em 1568 onde se incluíam correções baseadas em entrevistas posteriores com pessoas que conheceram Leonardo, incluindo o seu pupilo Francesco Melzi.¹³ Vasari, um florentino chauvinista, teceu a Leonardo, e sobretudo a Miguel Ângelo, os elogios mais eloquentes por terem criado aquilo que apelidou, pela primeira vez impresso, de «renascimento» na arte.¹⁴ Tal como disse Huckleberry Finn sobre Mark Twain*, houve coisas que Vasari exagerou, mas contou sobretudo a verdade. O restante é uma mistura de rumores, embelezamentos, invenções e erros involuntários. O problema reside em saber em que categoria entram as histórias pitorescas, como aquela em que o professor de Leonardo atira o pincel ao chão por reverência ao seu pupilo.

* «You don't know about me without you have read a book by the name of The Adventures of Tom Sawyer; but that ain't no matter. That book was made by Mr. Mark Twain, and he told the truth, mainly. There was things which he stretched, but mainly he told the truth.», excerto retirado do primeiro capítulo de *As Aventuras de Huckleberry Finn*, de Mark Twain. [N. do T.]

Um manuscrito anónimo, escrito na década de 1540 e conhecido como «Anonimo Gaddiano» por motivo da família que o tinha em sua posse, contém pormenores interessantes sobre Leonardo e outros florentinos. Também aqui algumas das asserções parecem ter sido embelezadas, como a de que Leonardo viveu e trabalhou com Lourenço de Médici por exemplo, mas fornecem-nos pormenores coloridos aparentemente verdadeiros, como o de Leonardo gostar de vestir túnicas cor-de-rosa que lhe chegavam apenas aos joelhos, ainda que os outros usassem vestes compridas.¹⁵

Uma terceira fonte inicial é a de Gian Paolo Lomazzo, pintor que se tornou escritor quando ficou cego. Lomazzo escreveu, por volta de 1560, um manuscrito inédito intitulado *Sonhos e Raciocínios*, e em 1584 publicou um volumoso tratado sobre arte. Foi aluno de um pintor que conheceu Leonardo e entrevistou Melzi, pupilo de Leonardo, pelo que teve acesso a algumas histórias em primeira mão. Lomazzo revela, sobretudo, as inclinações sexuais de Leonardo. Há, ademais, relatos mais curtos encontrados em escritos de dois contemporâneos de Leonardo: Antonio Billi, mercador florentino, e Paolo Giovio, médico e historiador italiano.

Muitos destes relatos iniciais mencionam o visual e a personalidade de Leonardo. É descrito como um homem de uma beleza e graça que dão nas vistas. Tinha caracóis dourados que caíam soltos, uma constituição musculada, uma força física notável e uma atitude altiva quando caminhava pela cidade ou andava de cavalo com o seu traje colorido. «Leonardo, lindo como pessoa e de aspeto, era bem constituído e gracioso», segundo Anonimo. Era, além disso, um conversador fascinante e um amante da natureza, famoso por ser delicado e afável, tanto com as pessoas como com os animais.

A concordância é menor no que respeita a determinadas especificidades. No decurso das minhas pesquisas, descobri que muitos factos da vida de Leonardo, desde o local do nascimento ao cenário da sua morte, têm sido assunto de debate, mitologia e mistério. Tento efetuar a minha melhor avaliação e depois descrever as controvérsias e contra-argumentos nas notas.

Descobri também, de início para minha consternação e depois para meu deleite, que Leonardo nem sempre era um gigante. Cometia erros. Saía literalmente pela tangente, seguindo problemas matemáticos que se revelavam ser distrações e consumidores de tempo. É sabido que deixou muitas

pinturas inacabadas, em particular *A Adoração dos Magos*, *São Jerónimo no Deserto* e *A Batalha de Anghiari*. Por consequência, existem, no máximo, quinze pinturas que lhe são total ou quase totalmente atribuídas.¹⁶

Ainda que fosse, de um modo geral, considerado amigável e afável pelos seus contemporâneos, Leonardo era, por vezes, soturno e perturbado. Os seus cadernos e os seus desenhos são uma janela para a sua mente agitada, imaginativa, maníaca e, de quando em quando, exultante. Se fosse estudante no princípio do século XXI, provavelmente teria sido medicado com fármacos para aliviar as mudanças de humor e a desordem de défice de atenção. Ainda que não subscrevamos o tropo «artista como génio perturbado», sabemos que somos afortunados por Leonardo ter ficado entregue a si próprio para matar os seus demónios e invocar os seus dragões.

Num dos seus cadernos, encontramos o seguinte enigma: «Figuras enormes aparecerão sob forma humana, e quanto mais nos aproximarmos delas, mais diminuirá o seu tamanho imenso.» A resposta: «A sombra projetada por um homem, à noite, com uma luz.»¹⁷ Ainda que o mesmo se possa aplicar a Leonardo, não creio que a sua grandeza seja diminuída perante o que o caracteriza como humano. Tanto a sua sombra como a sua realidade merecem ser destacadas. Os seus lapsos e a suas estranhezas permitem que nos identifiquemos com ele, que sintamos que o podemos emular e que apreciemos ainda mais os seus momentos de triunfo.

O século XV de Leonardo, Colombo e Gutenberg foi um período de invenção, exploração e propagação do saber através de novas tecnologias. Em jeito de resumo, foi uma época como a nossa. É por isso que temos tanto a aprender com Leonardo. A sua capacidade para combinar arte, ciência, tecnologia e imaginação permanece como uma receita duradoura para a criatividade. O mesmo se pode dizer do seu à-vontade em ser um pouco inadaptado: ilegítimo, homossexual, vegetariano, canhoto, com facilidade em distrair-se e, ocasionalmente, herético. Florença floresceu no século XV porque se sentia confortável com gente assim. Acima de tudo, a implacável curiosidade e experimentação de Leonardo devem recordar-nos a importância de incutir, tanto em nós como nos nossos filhos, não somente o conhecimento que recebemos, mas também o desejo de o questionarmos – de sermos imaginativos e, tal como os inadaptados e rebeldes talentosos de qualquer época, de pensarmos de modo diferente.